

Frejat promete resolver problemas do HRAN

FOTOS: ÉRALDO PERES



A diretora do HRAN, Jacira Abrantes, mostra ao secretário Frejat o "inchaço" no setor de emergência

Com um déficit de mil funcionários, 20 por cento dos leitos desativados e apenas um dos sete guichês do ambulatório em funcionamento, o Hospital Regional da Asa Norte, inaugurado em 1984, é hoje mais um exemplo da deterioração do setor de saúde pública. Ontem o secretário de Saúde, Jofran Frejat, em visita ao hospital, ficou ciente destes dados e prometeu soluções imediatas para os problemas.

O HRAN tem uma ótima infraestrutura e foi criado para abrigar pacientes em terapia intensiva. Seu projeto, na época revolucionário, comporta um jardim de inverno no centro do prédio, possibilitando ao doente tomar sol e usufruir de ar puro mesmo no leito. Todas estas vantagens, entretanto, não comportam a demanda excessiva. No hospital, faltam de remédios e aparelhos indispensáveis ao seu perfeito funcionamento.

"O HRAN funciona como um funil, recebendo todo o excedente dos hospitais do Entorno", diz a diretora Jacira Abrantes. Na emergência, área mais crítica, passam 70 por cento dos pacientes atendidos. Descrentes do atendimento com consultas marcadas, eles lotam o setor.

Hóspede — O paciente Oton Gular, hospedado há dois dias nas pequenas salas de emergência, junto com mais dez outros doentes, reclama da falta de remédio e de sua permanência na emergência, pois faltam leitos no hospital. Ele disse que teve que comprar sua própria medicação — Tagament e Buscopan — para o tratamento de seu problema de esôfago. Faltam aparelhos como o totômetro de chama, quebrado há seis meses, que serve para saber a dosagem de sódio e potássio no organismo. Auxiliar no diagnóstico de pediatria e queimaduras, ele serve para determinar a reposição hídrica adequada. De acordo com o médico Vicente

Martins, chefe da Patologia Clínica, "com este aparelho reduz-se em 90 por cento a mortalidade infantil do hospital". O "couter" utilizado para o exame laboratorial de hematologia, desde que foi comprado, há dois anos, não chegou a funcionar, já que precisa de kits de reagentes, que nunca foram adquiridos pelo hospital.

Realidade — Lembrando da realidade brasileira, Frejat ressaltou que os trabalhadores, principalmente os da área de saúde, precisam lutar muito. Questionado quanto às condições de trabalho e salários, ele disse que vai manter a decisão de 40 horas semanais para os chefes de setor e o salário sem nenhuma alteração para todos os profissionais da rede. Segundo ele os médicos da Fundação ganham muito bem em relação aos outros estados: "Um iniciante recém-formado começa com Cr\$ 325 mil e chega a ganhar Cr\$ 900 mil com apenas dez horas semanais.